

Comunidades online e blogosfera: Questões sobre identidade e nação basca

*Online communities and
blogosphere: Questions about
identity and Basque nation*

Raphael Tsavkko Garcia

Universidad de Deusto/Deustuko Unibertsitatea
tsavkko@gmail.com

Resumo

Buscamos compreender, com o aporte de autores como Bauman, Castells, Elias, dentre outros, os significados por detrás do conceito de identidade em suas mais diversas facetas, relacionando estes aspectos com a ideia de nação e, mais especificamente, buscamos compreender a nação basca, entendida pela população dos territórios históricos de Euskal Herria (País Basco), divididos entre França e Espanha e mais a diáspora. Busca-se inserir tais compreensões dentro do marco da internet, do ciberespaço e das comunidades virtuais, campos de re-territorialização dos indivíduos e de coletivos humanos.

Abstract

We seek to understand, with the contribution of authors like Bauman, Castells, Elias, among others, the meanings behind the concept of identity in its many facets, relating these features with the idea of nation and, more specifically, we seek to understand the Basque nation comprised by the population of the territories of historical Euskal Herria (Basque Country), divided between France and Spain and over the diaspora. We seek to insert such understandings within the framework of the Internet, cyberspace and virtual communities, areas or reterritorialisation of individuals and human collectives.

Palavras-chave: Nação basca, Identidade, Territorialização, Comunidade Virtual.

Keywords: Basque nation, Identity, Territorialisation, Virtual Community.

1. Introdução

A internet, a des-re-territorialização e tudo que vem agregado a estes conceitos – ou na verdade mais que conceitos, leituras da realidade, do tempo-presente – encontram-se com ideais ou mesmo ideais que permeiam a humanidade há muito mais tempo do que podemos imaginar hoje – ainda que possamos tentar: Com a comunidade, com a nação e, de forma mais recente, com a nação, alterando conceitos antes consolidados (ou mesmo que amplamente discutidos sobre suas origens ou mesmo sobre sua ‘invenção”, aceitos como parte ou modificadores comportamento humano) e nos levando até um momento talvez novo, ainda nebuloso, sobre como nos relacionamos, enquanto indivíduos e enquanto comunidade, em um ambiente virtual, em uma rede de controle, mas onde temos liberdade suficiente para criar laços, para fazer crescer sentimentos com características, por vezes, semelhantes àqueles de caráter nacional.

Há um claro alargamento na percepção do indivíduo em relação ao seu pertencimento, as possibilidades se expandem à medida em que o deslocamento virtual permite a ele ter o conhecimento sobre algo além de sua rede de relacionamentos local, sobre sua realidade imediata baseada nos costumes e características dadas pela sua nação de nascimento ou fixação.

Se por um lado sempre foi possível ao indivíduo se deslocam de sua região/país de origem a outro e, desta forma, confundir ou adotar uma segunda identidade/identificação, a internet permite este mesmo “movimento” sem que seja necessário tal deslocamento físico, mas tão somente o virtual. Não é necessário imergir em uma cultura diferente de forma presencial, mas apenas interagir desde sua casa com outros indivíduos de uma comunidade diferente da sua original, da mesma forma que é possível entrar em contato com indivíduos de origem semelhante, mas que vivam na diáspora, ou mesmo que tenham perdido ou tido pouco contato com a cultura “original” - neste ponto tratamos por ancestral ou anterior – e compartilhar tendo por base signos, mitos e símbolos que identificam a todos com uma comunidade.

Trata-se mais de que uma comunidade de destino, fixa, imutável, presa à origem étnica/nacional, mas uma comunidade que migra, mais ainda, uma percepção/identidade que migra. Nossa identidade apresenta-se líquida, fluida, logo, mutável, e encontra na

internet um ambiente um ambiente propício para “caminhar” livremente, formar vínculos, transbordar por fronteiras artificiais, inventadas, ou mesmo comunitárias.

Os blogs, assim como as redes sociais (Facebook, etc) são o campo excelente para se analisar o contato entre indivíduos de uma comunidade ou que venham a formar uma comunidade, ou mesmo que se unem no entorno de uma comunidade já pré- existente e enxergamos no caso basco um uso amplo e extenso destas plataformas virtuais como forma de contato e de formação de vínculos.

Ao acessar as redes sociais, os blogs, o indivíduo imerge – pode vir a imergir – em um ambiente carregado de símbolos e de costumes daqueles de costume, há uma inquietação e logo uma busca por compreender o “entorno”, aquele locus de convivência encontrado. Desta busca pode vir a nascer uma vinculação mais forte, dos laços que acabam sendo firmados entre este e outros indivíduos que compartilham dos mesmos símbolos ou mesmo da parte que compartilha do mesmo estranhamento.

Em outros casos é possível verificar que indivíduos que compartilham dos mesmos símbolos, com diferentes intensidades, tendem a se conectar, a se ligar em ambientes virtuais, com o intuito de compartilhar experiências e mesmo de reforçar ligações trazidas pelo compartilhamento de símbolos, que passam a também agregar mitos, histórias em comum, um passado em comum até a vontade – necessidade – de se manter esta ligação/vinculação.

Donos de uma cultura rica e até o momento de origem desconhecida, os bascos são o único povo na Europa, hoje, cuja língua não encontra paralelos ou antepassados reconhecíveis, mas mesmo assim mantém-se viva, usada diariamente na cultura e no cotidiano, apesar de todas as influências e pressões externas.

A blogosfera basca, por sua vez, forma uma teia ou um entrelaçamento singular, com ampla ligação com a diáspora e com uma forte presença online. Ademais, é notável a abundante quantidade de material acadêmico centrado no estudo da cibercultura basca, nos mais diversos vieses.

Para uma melhor compreensão não apenas dos temas relacionados à internet e comunidades imaginadas online, é preciso apresentar conceitos-chave ligados à nação

basca, sendo eles o de nação propriamente dito, identidade e de comunidade de destino e vida. Estes conceitos são importantes para a compreensão do que leva a comunidade/nação basca à internet como forma de resignificação e reterrotirização.

Estes conceitos-chave serão apresentados separadamente, buscando introduzir os marcos teóricos pertinentes para, depois, serem devidamente linkados no momento em que formos falar sobre as comunidades online em si.

2. Nação

Nação, em seu sentido político moderno, é uma comunidade de indivíduos vinculados social[mente] [...], que compartilham certo território, que reconhecem a existência de um passado em comum, ainda que diverjam sobre aspectos desse passado; que têm uma visão de futuro em comum; e que acreditam que esse futuro será melhor se se mantiverem unidos do que se separarem, ainda que alguns aspirem modificar a organização social da nação e seu sistema político, o Estado. (Guimarães, S.P. 2008: 145).

Em sentido clássico a “nação” é uma ideia genérica de comunidade política, de um grupo de pessoas unidas por laços naturais e eternos (língua, história comum, etc) e, normalmente, dentro de um território relativamente delimitado e possivelmente contíguo.

O termo – ou ao menos seu uso atual e disseminado – vem da Revolução Francesa, do momento em que a nacionalidade passou a ser objeto de propaganda e transformada em moeda de troca política, além de objeto de pressões.

Habermas aponta (2007:121) as revoluções do final do século XVIII como marco em que as ideias de Estado e Nação se fundem em “Estado Nacional”. Ele lembra que em sua origem, nação significava uma comunidade próxima integrada, vizinha, enquanto na idade média o conceito passou a indicar uma comunidade com língua comum e, mais para frente, passou a ser usada como conceito para diferenciar o “outro”, o estrangeiro dos pátrios. Em dado período o conceito de nação adotou ares políticos, ligados à aristocracia e então, passou a ser ligada ao povo como uma nova forma de integração social em oposição ao feudalismo e baseados em diferentes histórias nacionais e “comunidades imaginadas”.

Foi depois do surgimento da imprensa que foi possível ao habitante de uma vila ter conhecimento sobre seus semelhantes e poder dividir história e cultura e encontrar semelhanças no outro. Ao mesmo tempo foi possível alargar (em termos geográficos mais que culturais) as fronteiras do outsider (Elias, N. 2000: 23), do “outro”.

Antes, a ideia de comunidade estava relacionada apenas à localidade, qualquer pessoa de fora da vila ou da localidade, por mais que falasse a mesma língua e tivesse costumes mais ou menos semelhantes era tratada como outsider, como estranha a esta comunidade.

Com a imprensa foi possível aproximar comunidades esparsas e torná-las unidas, alargando ou empurrando para além as fronteiras da identidade “nacional”. A partir da imprensa surge a nação em oposição à comunidade local.

Ernest Renan (2006:12) diz que a nação é o plebiscito diário e passível de adesão através da vontade de pertencimento. Cabe ao indivíduo aceitar e querer participar e não ser inserido à força e, acima de tudo mostra sua vontade de criar laços e identidade e de pertencimento. A nação é mutável, é frágil, necessita de constante vigilância e trabalho. O membro da comunidade é ativo e não passivo, é preciso identificar-se positivamente e contribuir para o crescimento ou manutenção da nação.

Esta vontade de pertencer se dá pela troca de informação, baseada em tensões e rituais de vínculos, e é o que gera a sociedade e os diferentes signos ou sua leitura e interpretação é o que forma a nação. O pertencimento se dá pela troca, pelo compartilhamento.

A comunicação propicia os vínculos que nos unem. Os signos e símbolos nos diferenciam dos demais ao ponto de que a identificação com estes símbolos e signos criam laços únicos entre populações: A nação, ligada pela língua, fruto da comunicação e interação.

Nação seria, então, apenas a observação de laços mais fortes e significativos, permeado por símbolos e signos comuns. Estes laços ou vínculos propiciam a formação de comunidades e, daí, nações.

Como afirma Norbert Elias (2000: 40), estes vínculos, entendidos como teias de vínculos, são a gênese da vida em sociedade, da formação de grupos de insiders e outsiders e, conseqüentemente, da ideia de uma nação de indivíduos com identidades similares frente àqueles com, por exemplo, línguas diferentes.

Tradicionalmente a ideia de nação respeita fronteiras geográficas delimitadas (não necessariamente estatais), as nações costumam ter seus membros em contato. A língua de um povo é falada em determinado território e os símbolos ligam esta população.

Existem casos de diáspora e povos separados da sua nação original que, porém, se identificam como parte deste grupo, mas, mesmo neste caso a ideia fundacional do sentimento nacional é a mesma. Apenas os novos integrantes do grupo (os que nascem posteriormente) não tem este contato com a comunidade original, porém compartilham de mesmos signos e símbolos (mitos fundacionais).

Porém, na internet, a nação pode ir além, transcendendo fronteiras étnico- nacionais e agregando todos aqueles que sentem uma forte ligação (vínculo) com signos e símbolos de um grupo, mesmo não estando geográfica e historicamente ligado. (Pross, H. 1980: 23)

Quando falamos “nós”, estamos falando em indivíduos ligados por vínculos, por uma língua, por costumes e por símbolos e signos diferenciados dos demais. Quando falamos em “outros”, obviamente, tratamos de indivíduos que não fazem parte de nosso grupo por terem língua, costumes, símbolos e signos diferentes nos “nossos”, ou mesmo por não se “identificarem” com nossos símbolos e signos.

Segundo Castells (2008: 44-46), a era da globalização vem propiciando o surgimento ou o ressurgimento do nacionalismo, através da (re)construção de identidades com base na nacionalidade que se dá como uma oposição não só ao “estrangeiro”, mas ao “diferente” mesmo dentro das fronteiras estatais. Para Gellner (1983: 86-87) as nações seriam apenas “criações históricas arbitrárias” ou mesmo “tribalismos” em comunidades orientadas a se insurgir e “criar” identidade própria. Hobsbawm parte de princípio semelhante ao afirmar que nações são, por vezes, apenas fruto de tradições inventadas, construídas com propósitos políticos definidos.

Se por um lado a afirmação de Hobsbawm (2004: 9-23) de que toda tradição é inventada, por outro, esta afirmação poderia servir para deslegitimar todo Estado-Nação moderno e não apenas aqueles povo (ou nações) dispostas a lutar pelo seu próprio Estado – fonte de segurança jurídica e mesmo social para a continuidade e vitalidade de língua e cultura/tradições – ou ao menos para garantir autonomia e respeito à sua diversidade dentro de um Estado já definido.

Se por um lado, como afirma Castells (2008: 46), “etnia, religião, idioma e território, per se, não são suficientes para erigir nações”, por outro é a experiência, o compartilhamento e, enfim, o sentimento de pertencimento que formam a nação; a ideia de sentir-se parte de um coletivo, mas não de outro. É a história compartilhada, os dramas, os mitos, os símbolos, as alegrias e os heróis que criam o vínculo, além da língua, etnia e localização geográfica.

Não é, enfim, apenas a língua basca e a localização territorial que diferencia os membros desta comunidade da espanhola, mas o sentimento de pertencer à comunidade basca e não à espanhola, a ideia de que possuem laços nacionais baseados em cultura, mito e convivência ancestral.

A nação, em sentido clássico, pressupõe uma língua, símbolos e mitos, além de uma memória coletiva que, juntos, perfazem os elementos culturais do grupo. Pressupõe ainda laços, sejam eles familiares, de ancestralidade ou étnicos. Tudo isto em um território delimitado, normalmente o local de nascimento, ao passo que, hoje, enxerga-se a nação mais como um processo de auto-identificação e mesmo de auto- (re)conhecimento, uma comunidade que é imaginada e onde se imagina fazer parte.

Em outras palavras, a nação é o conjunto de práticas culturais de um grupo que se vê como comunidade. É o compartilhamento de uma história e de um presente que é ao mesmo tempo imaginado e fluido, e capaz de agregar indivíduos sem vínculo territorial, mas tão somente pelos objetivos e interesses.

Nação, por sua vez, é fruto da compreensão (mesmo que tácita) de múltiplos indivíduos de sua identidade única e compartilhada. Da visão de que estes indivíduos seriam insiders frente aos outsiders (Elias, N. 2000: 23), de língua e costumes diferentes.

3. Identidade

(...) entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-

relacionais, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. (Castells, M. 2008: 22).

A identidade é algo que se adquire, é formada com o tempo, mas é ao mesmo tempo “imposta” ou se dá pela sua nacionalidade, pelos costumes de seus vizinhos imediatos, pelos vínculos que se formam entre indivíduos.

Castells (2008: 24-28) propõe três formas e origens de construção de identidades, sendo elas a Legitimadora, a de Resistência e a de Projeto. A primeira é introduzida pelas instituições dominantes da sociedade, ou seja – dentre outros- pelo Estado, imposto pelo nascimento; a segunda é aquela que nasce como resistência à identidade imposta pelo Estado ou pelos atores dominantes, não é imposta, mas desenvolvida em um processo histórico e dialético; ao passo que a terceira se constitui em uma nova identidade que deixa de ser meramente resistente.

O que vemos no seio da sociedade basca, por vezes, é uma identidade de resistência que emerge contra o conquistador espanhol para, finalmente, vir a tornar-se uma identidade de projeto, que além de puramente resistir, adquire características próprias e desenvolve-se em paralelo. Identidade, pois, é um dever, uma ação, é ativo frente ao passivo (Bauman, Z. 2004: 15-24), é a resistência e/ou a oposição ao outro, à outra identidade.

A ideia de uma comunidade basca surge da resistência frente a uma condição de inferioridade e exclusão e passa a resistir culturalmente expandindo a consciência nacional ao ponto de buscar transformar a sociedade, a reinventar-se e se reproduzir constantemente. Castells (2008: 24-28) propõe que a identidade dos sujeitos em/na rede se formam não de um processo de desintegração das sociedades civis, mas de um “prolongamento da resistência comunal”, logo, através da resistência de um grupo/comunidade que se prolonga até a rede.

No caso da comunidade basca, é fácil verificar a veracidade de tal afirmação até mesmo ao nos lembrar que o autor de tal análise é, por sua vez, um entusiasta do nacionalismo catalão, que mantém diversos pontos em comum com o basco. É também possível verificar que ao mesmo tempo em que há uma forte resistência da sociedade basca em ser amalgamada ou mesmo engolida pela espanhola – mesmo que tenham ocorrido empréstimos e contatos entre ambas – indivíduos ou sujeitos desta comunidade buscam ampliar sua sensação de

pertencimento, ampliar contatos e fortalecer sua cultura através da internet. Há um processo de resistência ocorrendo tanto online quanto offline, um fortalecendo e alimentando o outro.

Podemos até mesmo falar de uma identidade relacional, ou seja, construída com base em práticas cotidianas, subordinada a diversos mecanismos, estruturas e instituições diferentes, assim como ao bombardeamento de informações trazidos pela própria internet, mas também pela mídia de massas. A identidade relacional pode ser também entendida como a negociação de símbolos e sentimentos que se dá com outros e com o meio em que se vive, com a presença de outros e a influência, além da compreensão sobre os limites da própria atuação e de seu coletivo.

A identidade é uma negociação diária em que afirma-se diante do outro, ou um processo social e relacional que se dá na identificação de elementos comuns entre um grupo e que o diferencia de outro(s).

Norbert Elias, em seu livro sobre os insiders e outsiders (2000) nos fala sobre a fictícia cidade de Winston Parva e seu processo de desenvolvimento e a reação da população local frente a uma nova leva populacional que se estabeleceu na cidade e a forma como os “estabelecidos” tratavam os recém-chegados, “os de fora”.

Antes a noção de insider e outsider era puramente abstrata, não se devia à identidade em si do indivíduo, mas ao mero fato de não ter nascido e vivido em uma determinada vila, no sentido de puro forasteiro, mesmo que este partilhasse uma origem comum, língua comum e estivessem sob territórios relativamente próximos e semelhantes.

A identidade basca, neste ponto, pode ser compreendida como manifestação de insiders frente a outsiders, os espanhóis, que ao longo dos séculos começaram a migrar e povoar regiões ancestrais do primeiro grupo, dito original. Há o estranhamento por parte da população original frente aos recém-chegados que falam uma língua diferente e costumes igualmente diferentes dos habitantes originais, pese o processo de hibridização cultural em marcha desde os primeiros contatos entre os dois povos.

Isto não significa que antes da Revolução Francesa e da ideia moderna de Nação e de Estado as nacionalidades – laços fortes e especiais entre indivíduos de um tipo particular – não

existissem, eles apenas não tinham a necessidade de surgirem como resistência à pressão de Estado que utilizam a ideia de nação como fidelizador de indivíduos.

Tratamos, pois, a nação ou a nacionalidade como a construção de comunidades baseadas em vínculos e não como ideologia ou como fidelizador populacional.

Este estudo de Elias serve para analisar como se dá o estranhamento entre aqueles estabelecidos há longo tempo em um território frente aos recém-chegados e nos serve para analisar, se tomarmos os estabelecidos como autóctones há milhares de anos de um território e os recém-chegados como invasores há algumas centenas de anos (bascos e espanhóis), a forma pela qual a comunidade basca enxerga com estranhamento, mesmo hoje, a presença dos espanhóis – sua língua, cultura e Estado – sobre as tradições e organização política ancestrais bascas.

Não se trata, porém, de afirmar que a identidade basca (ou a espanhola, por sua vez) seria resultado unicamente do estranhamento frente ao diferente, mas sim que se manifestam politicamente ou de forma a ativamente se diferenciar do outro devido a este(s) contato(s).

No caso da identidade basca, Gordo e Megías (2006: 22-25) observaram que às relações face-a-face da juventude são acrescentadas as relações online, o que pressupõe uma certa alteração na lógica tradicional, pois amplia-se o alcance e praticamente elimina-se fronteiras e a barreira do tempo. A rede nos faz analisar e problematizar de forma diferente a questão da identidade ao ampliar o campo de estudo/análise e não limitá-lo apenas às relações pessoais e físicas entre indivíduos, mas abarcando todo o mundo e a todos com possibilidade de estar conectados.

A identidade parte de um interesse individual, de uma posição puramente individual de sentir-se parte de um coletivo (ElHajji, M. 2011: 2-5). O “eu” que reconhece um “nós” frente a “outros”. É curioso notar como o pertencimento ao coletivo necessita, antes de tudo, de um individual, ou da união de vários indivíduos. A nação nada mais é que uma identidade coletiva, o somatório de múltiplas identidades individuais. O reconhecimento enquanto parte de um coletivo vem da descoberta da própria individualidade (Guibernau, M. 2009: 20-25).

Ainda segundo Guibernau (2009: 24), “todas as identidades surgem dentro de um sistema de representações e relações sociais”, ou seja:

Os atores devem ter uma percepção de pertencimento, um sentido de continuidade temporal e uma capacidade para auto-reflexão que informe um processo de reafirmação constante da própria auto-identidade e diferenciação em relação aos outros. (Guibernau, 2009: 24).

Observa-se, por fim, que ao passo que hoje bascos e espanhóis ainda se encarem uns aos outros como outsiders e insiders de suas respectivas comunidades, ao menos para a comunidade basca, certas características talvez ligadas à necessidade imediata de resistência frente a uma “invasão” cultural externa perdem ou perderam espaço ao longo do tempo.

As teses iniciais raciais, onde o “ser” basco significava ter não apenas nascido no território, mas também falar a língua e compartilhar integralmente da mesma cultura, além de pertencer a uma família dita tradicional, deram lugar a noções mais fluidas de identidade e pertencimento, onde o sentir-se basco ganha espaço, onde o trabalhar, viver e compartilhar, enfim, o sentir-se, torna-se primordial.

4. Comunidades de vida e destino

Bauman (2004: 17), em seu livro “identidade” fala em dois tipos de comunidades, as de vida e as de destino, em que na primeira, os indivíduos “vivem juntos numa ligação absoluta” e, a segunda se caracteriza por serem “fundidas unicamente por ideias ou por uma variedade de princípios”, ou seja, as comunidades de destino são aquelas que surgem a partir do momento em que se há contato entre uma comunidade com outra diferente, logo, em que o indivíduo é exposto à diversidade.

Bauman vai diferenciar identidade de pertencimento, ao afirmar que meramente pertencer a uma comunidade (de vida) não garante ao indivíduo uma identidade e que apenas quando se é confrontado com o outro é que se cria a noção não só de pertencer a um grupo, mas de compartilhar e sentir-se efetivamente parte dele. Pertencimento e identidade, por sua vez, não são imutáveis, mas sujeitos a alterações, negociáveis e dependem das decisões tomadas pelos indivíduos.

Na comunidade de destino, cabe ao indivíduo negociar sua identidade e definir (ainda que não seja este um mecanismo necessariamente consciente) seu pertencimento de acordo não com o destino imutável ou como uma opção única, mas quando for possível negociar sua identidade frente às tensões que o circundam.

Na comunidade de destino há um reconhecimento objetivo do pertencimento/identidade que não é necessário na comunidade de vida. Não faz sentido uma identificação ativa, uma demonstração de pertencimento de indivíduos que não sofrem qualquer pressão externa de outro grupo. Não há a necessidade de ser “mais basco” quando em contato com outro basco, mas há, por vezes, a necessidade de diferenciar-se do espanhol ou do francês quando confrontado.

Talvez seja possível se falar em um terceiro tipo de comunidade, uma comunidade de tensão ou fronteira (Monteiro, A.J.J. 2009: 45-46) na qual comunidades que vivem juntas passam também a, na internet, devido a dinâmicas sociais diversas, resistir frente a outras comunidades e adotar ou transparecer princípios e ideias. É a possibilidade de indivíduos ligados por laços de sangue, por exemplo, terem também que ativamente defenderem ou demonstrar sua identidade. Ao mesmo tempo, são comunidades que, apesar de vida, possuem diversas dinâmicas em seu interior, o que abarcaria a parcela de bascos que porventura se identifiquem também com a comunidade espanhola/francesa ou mesmo outras.

Antigamente, até pelo menos a formação dos Estados-Nacionais e a Revolução Francesa, propiciando um maior intercâmbio ou uma maior mobilidade entre indivíduos, as relações sociais não ultrapassavam as dezenas de quilômetros, a vila, a região. Desta forma, a maior parte dos contatos entre indivíduos eram com outros que professavam língua próxima, religião e costumes, inexistindo a necessidade de se diferenciar culturalmente do vizinho.

Mas a partir do momento em que a sociedade passa a se tornar mais fluida, a movimentar-se mais e que os Estados passam a encerrar diferentes comunidades/grupos étnicos/linguísticos e, finalmente, a impor uma educação em uma única língua chegando ao ponto de impor significativas mudanças culturais, cria-se a necessidade de se diferenciar.

As vizinhanças se ampliam, o transporte passa por uma revolução e isto possibilita o nascimento da identidade, enquanto algo ativo, propositivo e não apenas passivo e inerente

ao indivíduo. Um basco passa a não ser um basco apenas por viver dentro do território histórico, mas por identificar-se, por agir como tal.

O fenômeno das diásporas impõe um maior desafio aos Estados uniformizadores e, ao mesmo tempo, às comunidades diaspóricas que buscam manter parte de suas tradições intactas, pese a necessidade/imposição de integrar-se à sociedade que os recebe. Mais adiante buscaremos analisar o aporte da internet à estas comunidades e seu uso na manutenção de identidades (em nosso caso, basca) em comunidades diaspóricas.

A identidade nacional é um fenômeno de natureza fluida e dinâmica (Guibernau, M. 2009: 30-33), por um lado à consciência sobre uma identidade e os fatores que levaram o indivíduo a isto pode permanecer os mesmos por décadas, séculos, mas também podem sumir de um momento para o outro.

Ao caso basco, mais um problema, a sua divisão entre dois Estados, o francês e o Espanhol, com cada lado opressor forçando sua língua, sua cultura e seu modo de vida, criando uma tensão em uma comunidade dividida que cada vez mais sentia a necessidade de reagir e, então, demonstrar sua própria e diferenciada identidade. O Estado acaba por criar uma nova ideia de nação – mesmo que nasça baseado em uma ou outra nação anterior, mas esta acaba mudando e se moldando -, tornando necessária a resistência das periferias e, por vezes, mesmo daquela majoritária, pois mesmo ela acaba por ser alterada, “refinada”.

Na França, por exemplo, o “ser francês” passava por saber falar a língua francesa que, nos tempos da Revolução Francesa, não era falada por mais que uma pequena porção de pessoas em torno de Paris e região. A solução foi o de impor a língua e costumes, via escola e burocracia – e exército – às demais nações, buscando anulá-las, ao passo que emprestava delas elementos, forjando uma nova identidade nacional.

Esta imposição vai de encontro com o que Guibernau (2009: 27) descreve como a dimensão psicológica da identidade, ou seja, com a “consciência de formar um grupo baseado na proximidade sentida que une os membros de uma nação”. Em outras palavras, a imposição via burocracia por parte de um Estado a indivíduos de um coletivo vai ao encontro com o “sentir”, com a dimensão psicológica e, também, com a crença em uma cultura e história comum, com a dimensão cultural de valores e costumes.

De certa forma, históricas e mitos podem ser criados e recriados, como afirma Hobsbawm, mas por outro, a dimensão psicológica carece de outros elementos para afirmar a identidade. Há limites para a manipulação de elementos no entorno dos indivíduos, ao passo que a identidade se encerra no “terreno do subconsciente e do ‘não racional’” (Guibernau, M. 2009: 27).

A ideia de identidade, ainda segundo Bauman (2004: 23), foi “forçada” aos indivíduos e chegou até eles como uma ficção, tanto para aqueles que pertenciam ao grupo majoritário/formador da “identidade nacional” – que a partir de dado momento passariam a englobar grupos outros e a expandir – quanto para os demais, que se viam forçados a pertencer a outro grupo. Rompe-se a ideia de uma comunidade imaginada e impõe-se uma comunidade fictícia, ampla, sem identificação efetiva com os atores.

Fala-se, portanto de uma identidade nacional frente a um “agregado de indivíduos do Estado” (Bauman, Z. 2004: 27), uma comunidade coesa, porém precária, com a necessidade de eternamente reafirmar sua identidade, suas diferenças para com os demais, os outsiders. Bauman irá dissociar a “identidade nacional” das demais identidades ligadas às comunidades de destino, chamando a nação de uma “convenção arduamente construída” e a ligando ao Estado, em oposição às “identidades menores”, com ou sem objetivo nacional.

Mesmo que as duas comunidades (ou mais de duas) decidam tomar caminhos diferentes, via a formação de um novo Estado, é possível que um indivíduo continue se sentindo, pertencendo e compartilhando dos destinos de ambas as comunidades. Isto é facilmente verificado em comunidades diaspóricas, onde os indivíduos ao mesmo tempo compartilham do destino de sua comunidade “étnica” e de sua “nova” comunidade, caso dos bascos que vivem nos EUA ou na América Latina e que se sentem tanto ligados à comunidade local quanto à cultural/étnica.

É igualmente possível, por outro lado, que um indivíduo de origem basca acabe por abandonar sua identidade e não se sinta parte desta comunidade quando na diáspora, assim como pode sentir-se um estrangeiro em seu país de nascimento ou moradia e tenha por identidade apenas a basca. A identidade é algo construído, é alvo de esforço e de uma escolha (mesmo que inconsciente). O “pertencer” é mais do que simplesmente nascer ou viver, é um processo de construção diário e constante.

Veremos à seguir o papel da internet e da cibercultura na promoção e na manutenção da identidade de nações, como a basca, buscando inicialmente apresentar alguns conceitos pertinentes sobre a internet propriamente dita e conceitos ou fenômenos ligados à ela, como desterritorialização e reterritorialização, porém ainda tendo por base conceitos já apresentados e revisitados, como o de identidade.

Ao mesmo tempo em que nos deparamos com diásporas (no nosso caso, basca), ou seja, com populações que se vêem como uma única nação espalhadas por múltiplos territórios e fronteiras nacionais, na internet podemos nos deparar com o processo de multiterritorialidade (Haesbaert, R. 2004: 337), que trata da vivência e intervenção concomitante de/em múltiplos territórios, uma flexibilidade característica do mundo pós-moderno e facilitada pela internet. Iremos analisar esta ideia com maior profundidade em seguida.

5. Cibercultura e Desterritorialização

A internet se configura como um ambiente ou locus onde compartilhamos e nos re-significamos enquanto indivíduos. O ciberespaço pode ser encarado como um mundo, um espaço e um lugar onde ocorrem relações sociais e formam-se laços sociais em um espaço re-significado.

A Internet é o coração de um novo paradigma sociotécnico, que constitui na realidade a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação, de trabalho e de comunicação. O que a Internet faz é processar a virtualidade e transformá-la em nossa realidade, constituindo a sociedade em rede, que é a sociedade em que vivemos. (Castells, M. 2003: 287).

A Internet é mais que uma simples tecnologia, é um meio de comunicação, de relação, de interação, por meio do qual se estrutura essa forma organizativa de nossas sociedades e nossas relações sociais, dando a elas novos sentidos e significados que são apropriados pelos indivíduos e, então, modificados, reconstruídos e redefinidos. Através da citação de Castells pode-se concluir que existe uma cibercultura bem definida, entendida como a ação social no

ciberespaço, ou seja, há uma re-significação do ciberespaço, resultado da ação de indivíduos, que forma uma cibercultura específica.

Hoje, embora a sociedade esteja conectada mundialmente via rede de computadores, o indivíduo ainda sente necessidade de se integrar a grupos com os quais tenha alguma identificação; de interagir para viver em sociedade através, por exemplo, da formação de comunidades virtuais (caso das comunidades micronacionais) como uma estratégia do indivíduo inserido em uma sociedade em rede de se fazer reconhecer por meio de uma ou várias identidades (Corrêa, C.H.W. 2005: 40-46).

Ainda segundo Corrêa (2005: 40-46), o modo de atribuição dessa(s) identidade(s) é fundamentalmente uma escolha pessoal e eletiva, sendo esta a principal diferença do modelo tradicional de atribuição de característica identitárias, como, segundo a autora, as identidades culturais e nacionais, resultado de processo de imposição.

A busca por uma nova ou novas identidades, através das comunidades virtuais e das redes de comunicação, são nada mais que reflexos da globalização e do fenômeno da pós-modernidade que vai de encontro com a idéia clássica de sociedade bem delimitada, causando então um enfraquecimento e fragmentação da identidade nacional (Hall, S. 2001: 20-28) que é logo re-significada ao se adotar uma nova identidade – tanto subjetiva quanto objetiva – micronacional.

A aparente fragmentação identitária, ou melhor, a desterritorialização dos bascos, divididos entre vários Estados se coloca frente à reterritorialização trazida pela rede e pela unificação virtual da comunidade em um único ambiente ou em um única rede forte ou clusters mais ou menos interligados Para Haesbaert (2002: 129-133), o território não é apenas algo físico, mas também compreende uma dimensão política e especialmente cultural, ou seja, aquele marcado por suas identidades. As concepções culturais e políticas são de difícil delimitação, por vezes possuem fronteiras fluidas, e no caso aqui estudado, a concepção cultural do território mostra-se mutável e ampla, passando por blogs que podem ter vida efêmera, até comunidades virtuais diversas.

Por fragmentação identitária compreendemos a busca por uma nova ou novas identidades – ou mesmo pelo reforço ou re-encontro com nossa identidade nacional estabelecida -, através das comunidades virtuais e das redes de comunicação, enquanto nada mais que reflexos da

globalização que vai de encontro com a ideia clássica de sociedade bem delimitada, causando então um enfraquecimento e fragmentação da identidade nacional (Hall, S. 2001: 20-28) que é logo re-significada, transformada ou mesmo re- encontrada e reforçada.

É preciso compreender, porém, a identidade basca como uma identidade que extrapola a noção clássica de Estado-nação, visto que a população que comumente assim se identifica pertence não só a dois diferentes Estados (ditos nacionais, mas na verdade apenas agregadores de diferentes ideais nacionais), mas também a uma significativa diáspora espalhada pelo mundo.

Para Bauman (2004: 32-33), somos habitantes de um mundo líquido em que mantemos nossas referências comunais, enfim, nossas identidades, em movimento, ou seja, nos mantemos móveis ao tempo em que nos mantemos também unidos, às duras penas. Para ele a identidade é tênue, frágil, e mutável.

Os indivíduos vão à internet em busca de quem a ele seja semelhante e encontra na internet um campo fértil de reterritorialização (Appadurai, 1990, 1997, Haesbaert, R. 2004: 38) de sua identidade individual. Segundo Appadurai (1990: 307-308) e Haesbaert (2004: 38), toda desterritorialização gera novas formas de reterritorialização e na internet podemos observar nada mais que uma manifestação deste fenômeno. Na internet os indivíduos buscam formar sociedade (Maffesoli, M. 1996: 20-30) por sentir cada vez mais a necessidade de se envolver com pessoas que compartilhem algo em comum.

Após décadas de repressão política, incidindo diretamente na cultura e na língua nacional, a internet aparece como um locus de total liberdade para o compartilhamento da cultura nacional e para o uso e promoção da língua popular, promovendo seu ressurgimento e espalhamento além das fronteiras delimitadas politicamente pelos Estados-nacionais onde habita a população basca – não sem, obviamente, sofrer pressões espelhadas nas relações offline.

Cibercultura é todo artefato ou produto, todo comportamento individual e coletivo, toda ideologia e conceito que resulta da aplicação de novas tecnologias de informação. (Alonso, A., Arzoz, I. 2003: 11).

Fato mais marcante das alterações trazidas pela internet está na alteração na noção de localidade geográfica (Recuero, R. 2009: 135-141), na expansão das interações sociais por novas vias, diferentes da desterritorialização causada já pelo telefone, pelas cartas e outros meios, pois hoje há uma pulverização da noção de espaço/tempo e imediatismo como não era visto antes. Simplifica-se, muda-se o conceito de lugar, de locus na internet ao ponto do “lugar geográfico” perder sentido enquanto as pessoas buscam novas formas de conectar-se e encontrar espaços de interação social.

É preciso, porém, compreender que por mais que a noção de espaço ou lugar geográfico perca espaço ou mesmo sentido, a comunidade basca não abandona seu referencial territorial histórico, mas se expande para abarcar indivíduos diaspóricos e/ou deslocados e agregá-los todos em comunidades virtuais.

Comunidades virtuais, por sua vez, são comunidades simbólicas onde os membros se conectam via trocas simbólicas e não por relações face-a-face. São agregados sociais que surgem da rede e na rede “baseadas em interesses comuns e não em fronteiras ou demarcações territoriais fixas” (Lemos, A. 2002: 136) ainda que no caso basco tenham uma origem que também remonta a própria história e cultura/tradições deste povo.

6. Conclusão

As ferramentas comunicacionais e conversacionais via internet, sem dúvida, alteraram a forma de se relacionar dos indivíduos. Longe de superar ou substituir as relações face-a-face, estas ferramentas propiciam uma nova experiência relacional que não é apenas complementar, mas acaba por criar novas formas de se relacionar, agir e interpretar/entender o mundo, uma ecologia da comunicação.

O relacionamento que se dá via redes sociais – dentre eles, os blogs – acaba por criar um sentimento de pertencimento a um grupo, a um coletivo, forma uma comunidade virtual imaginada, na qual nem todos os indivíduos se conhecem, mas acabam por sentir-se parte de um mesmo coletivo.

Os indivíduos podem não se conhecer ou manter relacionamentos constantes com todos os demais membros de uma comunidade, mas sem dúvida sentem-se parte de um mesmo coletivo, enxergam a todos os demais como parte de seu grupo e tem a possibilidade de identificar também aqueles elementos que não fazem parte de seu grupo.

Esta identificação, porém, não se dá unicamente em relação a membros do grupo, como se apartados de qualquer realidade offline, mas também e especialmente em função de uma história compartilhada que é anterior à rede, uma história compartilhada de mitos e símbolos que unificam um povo que, na rede, são representados.

Sente-se como parte de uma nação, de um coletivo humano organizado com bases offline, reconhece-se através de seu relacionamento online como parte de um coletivo maior, com características próprias e, para aqueles que são do grupo, únicas, apenas acessível aos insiders, aos iniciados. A rede, então, faz as vezes de uma ponte onde comunidades se formam baseadas em componentes identitários diversos (língua, costumes, cultura, símbolos, mitos e/ou o “mero” sentimento de pertencimento a um grupo) em meio à fragmentação identitária pós-moderna.

Um polo de re-significação e re-territorialização em que se é não aquilo que um Estado define, mas aquilo que realmente sente-se ser e que surge “dentro de um sistema de representações e relações sociais” (Guibernau, M. 2009: 22). Mais do que nascer em um território e ter imposta uma identidade, a rede permite que se tenha conhecimento e mesmo adquira-se uma identidade diversa a esta dita original. Da mesma forma, é possível que a rede sirva também como potencializadora dessa identidade nacional através do reforço dos símbolos e de uma facilidade maior no relacionamento interpessoal através de comunidades virtuais.

A internet é um campo que permite uma re-territorialização dos indivíduos ao se colocar como uma plataforma relacional por maestria e permitindo a negociação de identidades frente às diversas tensões que circundam os indivíduos. Forma-se uma comunidade de tensão ou fronteira, na qual um grupo resiste a outras influências ao passo que ativamente age em prol da perpetuação de sua comunidade. É um momento de tomada de consciência, de saída da apatia e de ativamente ser parte de um grupo, no caso, nacional.

Em resumo, a internet propicia uma aproximação entre indivíduos e a formação de vínculos que, por vezes, podem levar à tomada de conhecimento sobre sua identidade/pertencimento, re-significa, re-territorializa e altera a forma como enxergamos, encaramos e mesmo transformamos a realidade, numa velocidade (quase) instantânea.

7. Referências Bibliográficas

ALONSO, A., ARZOZ, I. (2003). Basque Cyberculture: From digital Euskadi to cyber Euskalherria. Reno: Center for Basque Studies

APPADURAI, A. (1990) Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy. In Featherstone (Ed.) Global Culture: Nationalism, Globalization and Modernity. London: Sage.

_____. (1997). Soberania sem Territorialidade. Revista Novos Estudos CEBRAP, n. 49.

BAUMAN, Z. Identidade. (2004). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

CASTELLS, M. (2008). O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra.

_____. (2003). A Galáxia da Internet. Reflexões sobre a Internet, os Negócios e a Sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

CORRÊA, C.H.W. (2005). Interação social da comunidade científica no ciberespaço: estudo da lista de discussão ABRH - Gestão Dissertação (Dissertação de Mestrado). UFRGS, Brasil.

ELIAS, N. (2000). Os estabelecidos e os outsiders. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ELHAJJI, M. (2011). Migrações, TICs e comunidades transnacionais: o dever diaspórico na era global. In XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom).

GELLNER, E. (1983). Nations and nationalism. New York: Cornell University Press.

GORDO, A., MEGÍAS, I. (2006). Jóvenes y cultura Messenger. Madrid: INJUVE/FAD.

GUIBERNAU, M. (2009) La identidad de las naciones. Barcelona: Editorial Ariel.

GUIMARÃES, S. P. (2008). Nação, nacionalismo e Estado. In Revista Estudos Avançados Vol. 22 nº 62. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados USP.

HABERMAS, J. (2007). A inclusão do outro: Estudos de teoria política. São Paulo: Edições Loyola

HAESBAERT, R. (2002). Territórios alternativos. Contexto.

_____. (2004). O Mito da Desterritorialização. Bertrand Brasil.

HALL, S. (2001). A Identidade Cultural na Pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A

HOBBSAWM, E. J. (2004). Nações e Nacionalismo desde 1870: Programa mito e realidade. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.

LEMOS, A. (2002) Cibercultura, Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea. Porto Alegre: Sulina.

MAFFESOLI, M. (1996). No fundo das aparências. Petrópolis: Vozes.

MONTEIRO, A.J.J. (2009). Identidades, memórias e perspectivas do movimento de educação escolar indígena. In AGUIAR, Márcia Angela da S. (org). Educação e Diversidade. Recife: UFPE.

PROSS, H. (1980). Estructura simbólica del poder. Editora Gustavo Gili.

RECUERO, R. (2009) Redes sociais na internet. Porto Alegre: Editora Sulina.

RENAN, E. (2006). Que es una nación? Madrid: Sequitur.